

**Mário Cláudio. Treze Cartas e Três Bilhetes de Rachel Cohen. Porto:
Modo de Ler – Centro Literário Marinho, Lda., 2018, 53 pp.**

*José Vieira*¹

Em 2018 celebraram-se os 130 anos da primeira publicação d’*Os Maias*, vindos a público em 1888. Como forma de comemorar a efeméride, Mário Cláudio deu à estampa o pequeno volume intitulado *Treze Cartas e Três Bilhetes de Rachel Cohen*, personagem secundária do romance de Eça de Queirós aqui elevada a heroína trágica de um tempo e de uma geração que sucumbiu aos ideais românticos.

Deparamo-nos nesta obra, uma vez mais, com a capacidade de Mário Cláudio continuar arcos narrativos de outros escritores, aprofundando as características das suas personagens, das suas vivências e das suas angústias, numa lógica que apresenta mecanismos diegéticos como a transficcionalidade, a sobrevida da personagem, mas também a ideia romântica do manuscrito perdido, legado ou encontrado, e ainda o conceito de narrativa outra como valor do Post-Modernismo.

No prefácio, Mário Cláudio fala-nos da forma como estas cartas chegaram até às suas mãos, através de vários episódios que vão desde os finais do século XIX, passando pela Primeira

1 Centro de Literatura Portuguesa (FLUC). É membro do projeto de investigação Figuras da Ficção, do Centro de Literatura Portuguesa, fazendo parte da comissão de redação do Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa. É membro colaborador do projeto “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, projeto integrante do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), de setembro de 2017 a dezembro de 2018. Atualmente é professor assistente de Língua e Literatura Portuguesas nas Universidades Taras Schevchenko e na Universidade Internacional de Línguística de Kiev, na Ucrânia, sendo ainda coordenador do Centro de Língua Portuguesa (CLP), do Instituto Camões IP no mesmo país. Instituto de Filosofia (FLUP).



Grande Guerra, por intermédio de Charlie, o filho dos Condes de Gouvarinho, e acabando em meados dos anos 80 do século passado nas mãos daquele que se afirma como mero editor, que mais não fez do que atualizar a “ortografia, posto que não em obediência ao acordo mais recente” (CLÁUDIO, 2018, p. 13).

Deste modo, não só o escritor se torna mero editor da obra que publica, como também é admirador das cartas da personagem, já que “próprio do editor ou leitor do manuscrito encontrado é também a sua condição de leitor apaixonado e curioso de conhecimentos” (ABREU, 1997, p. 302).

A lógica post-modernista é transversal a todas as cartas, uma vez que o escritor ilumina uma zona da narrativa queirosiana que não tinha sido explorada. Assim, Mário Cláudio parece seguir na esteira daquilo que José Saramago escrevera anos antes a propósito do papel da literatura e da ficção no decurso da História: “Evidentemente que aquilo que nos chega não são verdades absolutas (...). O que nos estão a dar, repito, é uma versão. Noutros termos: porque é que a literatura não há de ter também a sua própria versão da História?” (REIS, 2015, p. 90).

A versão da história que nos é contada é a de Raquel Cohen que, sem prejuízo de não fugir aos limites da narrativa queirosiana, aproveita os espaços em branco deixados pelo romancista. É a partir dessas nebulosas narrativas que Mário Cláudio nos revela as cartas e os bilhetes de Raquel Cohen.

A obra apresenta cinco cartas endereçadas a João da Ega, três à Condessa de Gouvarinho, duas a Carlos da Maia, uma a Alencar, a Dâmaso e a Jacob Cohen e bilhetes a Dâmaso, a Domingos e à D. Maria da Cunha. O conjunto destas treze cartas e três bilhetes revelam uma personagem que rasga os padrões de uma figura acessória e secundária. Nas primeiras missivas que escreve a João da Ega, podemos ver o nascer do romance na Foz do Douro, o que vai ao encontro daquilo que encontramos na obra queirosiana, complementando-a e fornecendo-nos novos dados sobre a paixão adúltera das duas personagens.

Se, por um lado, estamos perante a sobrevida de Raquel e de Ega, não é menos seguro afirmar que nos deparamos com uma nova interioridade de ambas as personagens, mais densas e literariamente mais humanas, pois temos acesso aos seus desejos, às suas ambições, mas também às suas dores e sofrimentos.

Logo na primeira carta, escreve Raquel o seguinte:

Diziam-me ser o João da Ega um mundano, um provocador, e outras coisas assustadoras. Mas o homem, que me pedia que jamais esquecesse a sua casinha da praia, baixando entretanto os olhos, revelar-se-ia tudo menos isso (CLÁUDIO, 2018, p. 15).

É a partir deste momento que nos deparamos com o conceito de transficcionalidade, mecanismo que acontece quando “dois ou mais textos partilham elementos, tais como as personagens, lugares imaginários, ou universos ficcionais” (GELAIS, 2005, p. 612, tradução

nossa). Partindo do princípio de que os universos ficcionais “são entendidos como entidades não fechadas” (REIS, 2018, p. 518) é possível vermos como as palavras que Raquel dirige a Ega na mesma missiva, “Envio-lhe, por isso, com esta carta, a transcrição do poema de Victor Hugo, que me recitou: «Oh! laisse-toi donc aimer, oh l’amour c’est la vie» (CLÁUDIO, 2018, p. 15), surgem também no romance, comprovando essa complementaridade e continuidade que é sobrevida:

Uma noite, porém, acompanhado de Carlos até ao Ramalhete, noite de lua calma e branca, em que caminhavam ambos calados, Ega, invadido decerto por uma onda interior de paixão, soltou desabafadamente um suspiro, alargou os braços, declamou com os olhos no astro, um tremor na voz: Oh! laisse-toi donc aimer, oh l’amour c’est la vie! (QUEIRÓS, 2017, p. 175).

As missivas acompanham o desenvolver do romance, passando pelo episódio do jantar do Hotel Central, presente na carta que a protagonista redige para a Condessa de Gouvarinho (pp. 21-23), onde também acaba por surgir Eça de Queirós como personagem que entra no universo ficcional de Raquel Cohen. Desta feita, a judia trava conhecimento com o romancista, considerando-o “igualzinho [a João da Ega]: alto e desengonçado, bastante nervoso, de monóculo, furtivo e prestável, dotado daquela magreza, não repulsiva, que anuncia os grandes inventores de intimidade” (CLÁUDIO, 2018, p. 21).

Seguindo a lógica que Eça nos apresenta no romance, isto é, que Tomás de Alencar aparece momentos antes do desenvolvimento importante e trágico da ação, na narrativa de Mário Cláudio o poeta parece continuar fadado a esse destino, desta feita, surge como um fiel amigo de Raquel, que a conhece desde a infância, ensinando-lhe francês e poesia romântica. Nestas cartas, o poeta surge como um fantasma que assombra os sonhos da personagem, situação que não acontece no romance queirosiano e que levanta suspeitas de uma certa pederastia ou inclinação sexual fervorosa.

Contudo, a paixão suspeitosamente platónica de Alencar por Raquel é descrita no romance, momentos após o jantar no Hotel Central, o que vem densificar as tensões e silêncios que Mário Cláudio pretende desenvolver nas suas missivas, enquanto o autor d’*Os Maias* apenas insinua levemente:

É seráfica! Era agora a paixão platónica do Alencar, a sua dama, a sua Beatriz... (...) Basta ser a mulher do Cohen, um amigo, um irmão... E a Raquel, para mim, coitadinha, é como uma irmã... Mas é divina. Aqueles olhos, filho, um veludo líquido!...(QUEIRÓS, 2017, p. 219).

Acontece, então, um fenómeno de reescrita post-modernista, pois o editor das cartas de Raquel pretende confrontar o proto-mundo ficcional com aquele que inventa e desenvolve, numa lógica de expansão, como sugere Dolezel, que mais não é do que a “dilatação do proto-mundo, preenchendo as suas lacunas, construindo uma história anterior e posterior, e por aí adiante” (DOLEZEL, 1998, p. 207, tradução nossa). Este é o fenómeno que acontecerá ao longo de

todas as restantes missivas, em concomitância com o aprofundamento da humanização efetiva de Raquel Cohen. A terceira missiva endereçada a Ega é escrita após o episódio em que Jacob descobre o adultério (surge a importância do número 3 na obra de Mário Cláudio). A partir desse momento, temos acesso a uma Raquel magoada, mas também dissimulada para com o seu marido, caprichosa, hipócrita e de apetite sexual abundante e reprimido por uma sociedade conservadora, burguesa e romântica.

Ainda que Dâmaso Salcede, o arrivista do romance que nas missivas permanece ainda mais provinciano, tente a sua sorte com a judia, o certo é que, pelo menos na obra de Mário Cláudio, Raquel Cohen amará João da Ega até ao fim das suas cartas (sem prejuízo de pelo meio se sentir atraída por um jovem talhante “de olhos cinzentos, com um sorriso tão fresco” e com mãos fortes que lhe aparecem, a meio da noite, “percorrem-me as coxas, afastam-nas uma da outra, é como se um demónio me separasse, sem resistência, da pessoa séria, que sou” (CLÁUDIO, 2018, p. 43).

Tal como a primeira carta é endereçada ao autor das “Memórias de um Átomo”, assim será a última. Reforçando o seu amor e a sua vontade de viver com Ega, uma vez que Jacob Cohen morrera de uma doença horrível, Raquel termina com uma reflexão que não deixa de ser um comentário não só à sua vida amorosa, mas também à do elenco que figura n’*Os Maias*:

Ficámos ambos, João da Ega e eu, para trás, o Carlos da Maia, a aquecer-se, no limiar do Inverno, à lareira familiar (...) e a Gouvarinho, cada vez mais sumida, cada vez mais desgastada, no seu perfume de verbena. O Salcede cirandarà, por aí, encostado, às esquinas, anunciando-se como recém-chegado de Paris (CLÁUDIO, 2018, p. 50).

Assim, Raquel Cohen enquadra-se, a partir da pena de Mário Cláudio, no elenco das grandes personagens queirosianas, fazendo parte de uma geração “tão heroína, pelo amor, e tão martirizada, pelo ódio. Tão iluminada, pela ciência, e tão cega, pela paixão! Tão triunfante, e tão vencida” (*Idem*, p. 48), mas pertencente ao grande universo do *Homo Fictus*.

Referências:

ABREU, M. F. Manuscrito Encontrado (Motivo Do). In: BUESCU, Helena Carvalhão (Coord.). **Dicionário do Romantismo Literário Português**. Lisboa: Caminho, 1997.

CLÁUDIO, Mário. **Treze Cartas e Três Bilhetes de Rachel Cohen**. Porto: Modo de Ler – Centro Literário Marinho, Lda., 2018.

DOLEZEL, Lubomír. **Heterocosmica. Fiction and Possible Worlds**. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1998.

GELAIS, R. S. *Transfictionality*. In: HERMAN, D. [et alli] (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Porto Editora, 2015.

_____. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018. QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias. Episódios da Vida Romântica**. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Reis, Carlos (Coord.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017.